

Na França, Leão XIV incentiva Igreja a enfrentar falhas

Fala do pontífice antecedeu encontro com vítimas de abuso infantil

/ IGREJA CATÓLICA

O papa Leão XIV exortou a Igreja Católica a admitir suas próprias falhas e a curar “feridas profundas” infligidas em seu próprio seio, horas antes de se reunir neste domingo com vítimas de abuso sexual infantil cometido por padres na França.

Dirigindo-se a uma multidão em um grande campo próximo ao famoso santuário católico de Lourdes, ele disse que a Igreja deve ter coragem de enfrentar seu passado, mas não mencionou diretamente os escândalos que provocaram comoção nacional.

“Para curar as feridas profundas, as infidelidades e os erros dolorosos ocorridos em seu interior, devemos nos colocar humildemente sob o olhar purificador do Senhor”, disse Leão a uma multidão estimada em 150 mil pessoas. Ele também pediu aos bispos franceses que tenham perseverança na prevenção e reparação das agressões sexuais.

Leão XIV realiza uma visita de quatro dias à França, onde voltou a pedir ao mundo que reconsidere o desenvolvimento da inteligência artificial. No sábado, ele reuniu cerca de 800 mil pessoas para uma missa ao ar livre na famosa avenida Champs-Élysées, em Paris.

Líderes católicos locais esperam que ele ajude a restaurar a imagem da instituição, após um relatório de 2021 revelar que cer-



Papa participou de ato religioso no interior do santuário de Lourdes

ca de 330 mil crianças francesas foram vítimas de abusos cometidos por membros do clero e líderes leigos católicos ao longo de sete décadas. Em uma reunião a portas fechadas com bispos franceses neste domingo, Leão XIV mencionou diretamente “o flagelo doloroso dos abusos cometidos contra menores por membros do clero”, segundo um texto divulgado pelo Vaticano.

O líder da Igreja Católica já havia pedido desculpas diretamente pelos escândalos de abuso que prejudicaram a credibilidade da Igreja em todo o mundo. Ele se reuniria neste domingo com sete vítimas francesas de abusos cometidos por membros do clero.

Algumas vítimas expressaram dúvidas quanto ao encontro. “Sou bastante cética quanto à possibilidade de o papa resol-

ver a questão, pelo menos imediatamente”, disse Michèle Le Reun-Gagné, copresidente de uma associação de vítimas no oeste da França, à Reuters. “As coisas avançam muito lentamente. Não vai acontecer da noite para o dia.”

O itinerário do papa na França inclui seis eventos em Lourdes, cidade situada no sopé dos Pireneus que atrai cerca de 3 milhões de peregrinos por ano ao santuário dedicado à Virgem Maria e as águas de uma fonte às quais se atribuem poderes de cura.

O local também está ligado a um escândalo que tem perseguido o Vaticano nos últimos anos. A fachada do santuário apresenta uma série de mosaicos do padre Marko Rupnik, um proeminente artista religioso ligado ao Vaticano, que foi acusado de abuso sexual.

do, que confirmou diretamente 39 libertações.

A segunda rodada de negociações entre o governo interino e a oposição terminou na sexta-feira. O diálogo avançou com o aval de Washington após a captura do presidente Nicolás Maduro em uma operação militar dos Estados Unidos em janeiro.

“Que sejam libertados todos os que hoje estão atrás das grades por pensar diferente”, afirmou neste sábado Dinorah Figueroa, que lidera as negociações pela oposição. “Continuaremos ao lado dos presos políticos, de suas famílias, das ONGs e de cada cidadão que sonha em ver

os seus reunidos na Venezuela que merecemos.” Segundo o último balanço da ONG Foro Penal, divulgado em 18 de setembro, ainda havia 344 presos políticos na Venezuela.

Entre as libertações confirmadas estão seis pessoas acusadas no caso conhecido como Operação Gedeón. Na ocasião, o governo venezuelano acusou civis e militares venezuelanos e americanos de participar de uma tentativa de derrubar Maduro. Um dos detidos no caso é Josnars Baduel, filho do general Raúl Isaías Baduel, que foi ministro da Defesa durante o governo do ex-presidente Hugo Chávez.

Alemanha defende regulação da IA e a compara à bomba atômica

/ RELAÇÕES EXTERIORES

“Imaginem se as armas nucleares fossem desenvolvidas por empresas privadas, se os arsenais estivessem localizados nas instalações das empresas, e se os códigos de lançamento estivessem trancados em um cofre no escritório do diretor-executivo. É uma ideia perturbadora.”

Foi assim que Johann Wadephul, ministro das Relações Exteriores da Alemanha, iniciou uma defesa enfática do controle da inteligência artificial em discurso na Assembleia Geral da ONU, no sábado. Lembrando que apenas dois países detêm a maior parte das patentes, Wadephul afirmou que isso era “uma enorme quantidade de influência na mão de muito poucos”.

Discursando em inglês, o chanceler salientou que a revolução tecnológica ocorre em um momento de muita dificuldade para a ONU. “Existem grandes potências que acreditam que se saem melhor se ignorarem as regras consagradas na Carta das Nações Unidas.”

Wadephul declarou que “a esmagadora maioria dos 193 países representados nesta Assembleia Geral” pagará o preço “se o respeito pelo direito internacional for minado e suas instituições forem alvo de ataques”, em clara referência ao do governo Donald Trump. Ele, contudo, não mencionou diretamente o presidente americano ou os EUA.

O representante alemão reiterou ainda a necessidade de reforma do Conselho de Segurança da ONU, pleito que divide com outros países, inclusive o Brasil. “A IA não está esperando que nossas instituições se adaptem. São nossas instituições que precisam se adaptar à IA”, disse, exortando os países-membros a trabalharem no estabelecimento de requisitos comuns de segurança.

Pouco antes de seu discurso, o ministro alemão havia se encontrado com seu homólogo russo, Sergei Lavrov, em uma reunião que durou apenas 20 minutos. Foi o primeiro encontro em nível ministerial dos dois países desde a invasão do território ucraniano.

Na ONU, príncipe Nahyan pede restauração do Estreito de Ormuz

O príncipe e vice-primeiro-ministro dos Emirados Árabes Unidos, Abdullah bin Zayed Al Nahyan, pediu que a liberdade de navegação seja garantida em todas as vias navegáveis internacionais, entre elas o Estreito de Ormuz, o Estreito de Bab el-Mandeb, o Mar Vermelho e o Golfo de Áden. Segundo ele, é necessário restaurar a situação no Estreito de Ormuz ao seu status anterior ao século XX, sem a imposição de taxas ou restrições. As declarações foram feitas neste sábado, durante discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas.

“Podemos rejeitar o uso por qualquer parte dessas vias navegáveis vitais como uma ameaça ou pressão coercitiva para prejudicar os interesses de nossos Estados, de acordo com o direito internacional e as resoluções relevantes da ONU”, afirmou Nahyan.

Além de pedir a liberdade de navegação nas vias internacionais, o príncipe afirmou que os Emirados Árabes Unidos e outros países da região têm sido alvo de ataques do Irã, segundo ele, contra sua segurança, recursos e ins-

talações civis e econômicas.

O príncipe também pediu que os países do Oriente Médio não tenham acesso livre a armas de destruição em massa e que programas nucleares pacíficos estejam sujeitos a supervisão, verificação e salvaguardas internacionais.

Por sua vez, o primeiro-ministro do Egito, Mostafa Madbouly, afirmou nesta sexta-feira que a consolidação do cessar-fogo na Faixa de Gaza deve ser acompanhada pelo fim das violações israelenses, pela retirada das forças de Israel e pela entrada segura e contínua de ajuda humanitária. O premiê também reiterou a rejeição do Cairo a qualquer tentativa de deslocar palestinos de Gaza ou da Cisjordânia e defendeu a criação de um Estado palestino nas fronteiras de 1967, com Jerusalém Oriental como capital. Segundo ele, a estabilidade no Oriente Médio depende do fortalecimento das instituições nacionais e de soluções políticas, e não de intervenções externas ou de disputas entre potências regionais e internacionais.

Novo grupo de presos políticos é libertado na Venezuela

/ AMÉRICA DO SUL

Um novo grupo de presos políticos foi libertado na Venezuela entre sexta-feira e sábado, após o encerramento da segunda rodada de diálogo entre o governo interino de Delcy Rodríguez e a oposição, com mediação dos EUA.

Organizações de direitos humanos informaram que cerca de 40 pessoas detidas por motivos políticos deixaram diferentes prisões do país. Entre elas estão cerca de oito mulheres acusadas de “narcoterrorismo” em 2021. A ONG Justiça, Encontro e Perdão informou, neste sába-